

Programa Governamental “Ouvindo Nosso Bairro”: Um Discurso Político-Eleitoral¹

Liziane Nathália VICENZI²
Vagner DALBOSCO³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Unochapecó, Chapecó, SC

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o discurso do prefeito de Chapecó, Luciano Buligon, durante uma audiência pública do Programa “Ouvindo Nosso Bairro (ONB)”, realizada no dia 24 de maio de 2016, no centro da cidade. Com base na escola francesa de Análise de Discurso (AD), o estudo buscou compreender a intencionalidade do discurso do prefeito em um programa implantado no último ano de governo e, ao mesmo tempo, ano eleitoral. Os resultados apontam para a produção de sentido das seguintes marcas discursivas: personalismo e pertencimento; caráter eleitoral; terceirização de responsabilidades; e promoção do governo. Tendo como base os resultados eleitorais de outubro de 2016, observa-se que o discurso realizado no “ONB” teve um papel importante no contexto que levou o prefeito à reeleição.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Política; “Ouvindo Nosso Bairro”; Prefeito; Luciano Buligon.

1. Introdução

A oralidade integra uma das possibilidades mais antigas de repassar histórias, conhecimento e de transmitir sentidos. No caso dos discursos, é imprescindível compreender que as palavras vêm carregadas de intencionalidades. Estudar a oralidade, portanto, é encaminhar-se para a análise do discurso: área que permite aliar uma reflexão conjunta à comunicação. Atrelada à política, torna-se um campo de estudo rico por peculiaridades que envolvem critérios que permeiam a disputa pelo poder.

É fundamental entender que a análise do discurso não se trata do estudo da língua, mas busca a compreensão da língua fazendo sentido. A análise se estabelece a partir da percepção de que tudo o que é dito está inserido em um contexto com antecedentes e desdobramentos que influenciam o sujeito que fala. (ORLANDI, 2007). Com esses precedentes, a presente pesquisa diz respeito ao discurso do prefeito Luciano Buligon no contexto político-eleitoral do município de Chapecó, localizado no Oeste de

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Graduada em Jornalismo pela Unochapecó, e-mail: lizivicenzi@unochapeco.edu.br

³ Coautor e Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unochapecó, e-mail: dalbosco.vagner@unochapeco.edu.br

Santa Catarina e com uma população estimada para 2016 de 209.553 habitantes⁴. O município de Chapecó é considerado polo regional, com influência expressiva na economia, na política e na comunicação do Oeste catarinense, sendo que os acontecimentos registrados no município, incluindo os sentidos produzidos pelos discursos, reverberam para toda uma grande região. É neste cenário que este estudo foi realizado, tendo como tema “Programa Governamental ‘Ouvindo Nosso Bairro’: um discurso político-eleitoral”.

O Programa “Ouvindo Nosso Bairro: você conhece, você decide”, foi objeto da pesquisa por tratar-se de um programa governamental que constitui uma das vertentes dos estudos da Comunicação Política e também por ter sido implantado justamente no ano das eleições municipais, em 26 de janeiro de 2016. O programa foi implantado pela administração municipal de Chapecó, liderada pelo prefeito Luciano José Buligon (PSB), anunciado já no ano anterior como um dos pré-candidatos após ter assumido a chefia do poder executivo no lugar do titular, José Cláudio Caramori (PSD)⁵. O “Ouvindo Nosso Bairro” foi uma das ações de maior repercussão pública da Administração Buligon. Para o governo, uma ferramenta da administração municipal para promover o contato do governo com as pessoas, ouvindo-as com o objetivo de definir as prioridades para o orçamento de 2017 – ano do centenário da cidade; para a oposição, um instrumento de cunho eleitoreiro em função de ser implantado somente no último ano de governo e às vésperas do pleito eleitoral. Para cumprir os objetivos propostos, ocorreu uma análise do discurso do prefeito Luciano Buligon na audiência pública do Programa “Ouvindo Nosso Bairro”, realizada no dia 24 de maio, no centro da cidade. O método empregado é o da Análise de Discurso (AD) da escola francesa que não permite generalizar as intencionalidades do prefeito, mas é uma premissa para compreender elementos e marcas discursivas mais frequentes, uma vez que a sistemática se repetiu nas demais audiências.

2. A Análise Do Discurso

⁴ Censo IBGE 2010 disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=420420>>. Acesso em 31 out. 2016.

⁵ Luciano Buligon assume prefeitura. Disponível em <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/12/luciano-buligon-assume-prefeitura-de-chapeco-apos-saida-de-caramori.html>> Acesso em 8 de mai 2016.

O campo de estudo da análise de discurso de acordo com a escola francesa começa na década de 1960, com os trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. A Análise de Discurso (AD) busca compreender não só o que se diz, mas inteiramente como se diz em um contexto. De acordo com Pêcheux, é salutar considerar que o sentido de uma palavra ou expressão tem influências determinantes das posições ideológicas dentro de um processo sócio histórico. “As palavras, expressões, proposições, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Nesta linha de pensamento, Foucault (1996), destaca que o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar”. (FOUCAULT, 1996, p. 10). Também fundamentam a escola francesa os autores Dominique Maingueneau (2004) e Patrick Charaudeau (2016).

Com a finalidade de conectar as formações discursivas e ideológicas, Pêcheux (1995), detalha que os indivíduos são “interpelados”, que quer dizer, explicar, ser dirigidos em sujeitos do seu próprio discurso “(...) pelas formações discursivas que representam na linguagem “as formações ideológicas que lhe são correspondentes”. (PÊCHEUX, 1995, p. 161). Essas formações, segundo Pêcheux (1995) apontam para materialidade do discurso e do sentido. É imprescindível atentar para o que é dito e para o que se deixa de dizer. É significativo ter em mente que o sujeito por meio do discurso produz sentidos e que a análise e interpretação precisam ocorrer com base nesses fatores.

Charaudeau (2016) explana, dentro do universo da análise de discurso (AD), o conceito de “ethos”, dentro da que significa a alternância do posicionamento de um comportamento do indivíduo perante a percepção do outro. “Trata-se de cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira pela qual pensa que o outro o vê”. (CHARAUDEAU, 2016, p. 72). Maingueneau (1998) destaca que o conceito de “ethos” é oriundo da Retórica de Aristóteles, entendido como a imagem transmitido por um orador, por exemplo, “(...) através de sua maneira de falar: adotando as entonações, os gestos, o porte geral de um homem honesto, por exemplo, não se diz, explicitamente, que se é honesto, mas isso é mostrado”. (MAINGUENEAU, 1998, p. 59).

Outro ponto fundamental na análise de discurso é compreender os interdiscursos. Conforme Maingueneau (2004), o discurso “só adquire sentido no interior de um

universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 55). Maingueneau (2004) detalha que o discurso só adquire sentido quando está em sintonia com demais discursos. “Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros - outros enunciados que são comentados, parodiados, citados. Cada gênero de discurso tem sua maneira de tratar a multiplicidade das relações interdiscursivas”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 55 e 56).

Estudioso da escola linguística russa, Bakhtin (2004) destaca também o conceito de ideologia no universo da Análise de Discurso (AD). Conforme o autor, a ideologia é compreendida por meio de signos, sendo que sem eles não pode haver ideologia. “(...) O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”. (BAKHTIN, 2004, p. 32). De acordo com Bakhtin (2004), os signos estão interligados a condições socioeconômicas, a uma ideologia do cotidiano e a um contexto histórico. Também destaca os signos como uma arena para luta de classes: “(...) Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico”. (BAKHTIN, 2004, p. 32).

A autora brasileira Eni Orlandi (2007) fundamentou os estudos da Análise de Discurso (AD) no território brasileiro com base nos estudos das obras dos autores franceses. Orlandi (2007) define o conceito dos “não ditos” baseado no estudo de O. Ducrot (1972). A autora considera que há sempre no dizer um “não dizer”. “(...) Quando se diz “x”, o não dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”.”. (ORLANDI, 2007, p. 82). Por exemplo, ao dizer “sem medo”, a pessoa deixa de falar “com coragem”. “Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva”. (ORLANDI, 2007, p. 82 e 83). Também há o silêncio que acompanha as palavras e que também tem sua significação. Essa interferência implica na observação do que não está sendo dito e o contexto para isso ter ocorrido.

3. O Discurso Político Na Configuração Da Opinião Pública

Ao pensar em discurso está intrínseca a relação com opinião pública. O discurso político, por exemplo, se apresenta com um caráter essencialmente persuasivo. Conforme Charaudeau (2016), o discurso pode manipular as escolhas políticas a partir

da conquista da opinião pública que está em constante construção, “ (...) na confluência de um triplo movimento de reação por parte dos grupos sociais, de atribuição por parte dos atores políticos, de categorização por parte das instâncias midiáticas”. (CHARAUDEAU, 2016, p. 44).

Com a ebulição das notícias e os meios de comunicação cada vez mais integrados em diferentes plataformas, a mídia exerce o protagonismo de ser um instrumento fundamental para a construção da opinião pública. Lippmann (2008) aponta que a construção da opinião pública, além da interferência da mídia tem agregado diversos fatores como imagem e necessidades dos cidadãos: “(...) As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas”. (LIPPMANN, 2008, p.40). Nesta mesma direção, Lippmann destaca que a Opinião Pública está concentrada na absorção de imagens transmitidas, que podem vir do *mass media*. “Teremos que presumir que o que cada homem faz está baseado não em conhecimento direto e determinado, mas, em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele.” (LIPPMANN, 2008, p. 37). Conforme McCombs (2009), a visibilidade pública proporcionada pelos *mass media* pode interferir na construção da opinião pública, e se configurar como uma ferramenta de promoção dos agentes políticos. “Com o aumento na saliência de figuras públicas nas notícias, por exemplo, mais pessoas formam uma opinião sobre estas pessoas”. (MCCOMBS, 2009, p. 197).

A construção da opinião pública também considera fatores acerca da imagem pública que está diretamente ligada à construção de imagem e pela aferição do espaço de visibilidade ocupada, ou seja, entender como a comunidade “sente” o sujeito, apresentada como “(...) ferramenta inibidora ou reforçadora de composições políticas, o que demonstra que sujeitos com imagem pública positiva tenham mais credibilidade nas alianças políticas”. (GOMES, 2004, p. 124-125). Para Gomes, além do cidadão, também há o jornalista, com o papel de aferir a ligação entre imagem estabelecida e as atitudes que são demonstradas. “Vemos os próprios jornalistas exigirem de um ator político com imagem pública positiva, à qual estão vinculadas as ideias de competência e honestidade, que haja coerência entre imagem consolidada e atitudes”. (GOMES, 2004, p. 240). Com base em Weber (2009), a construção da imagem pública depende, além da mídia, muito do cidadão, que será o consumidor das ideias e do discurso, e será o responsável em avaliar e garantir a efemeridade da positividade ou negatividade dessa

imagem que depende de assessorias de comunicação ou da “(...) visibilidade propiciada pelos media, ou no plano da cegueira, onde os projetos políticos sempre se sobrepõem à visibilidade propiciada pela comunicação”. (WEBER, 2009, p. 23). Ainda incorporado nesta necessidade de uma imagem pública favorável, Gomes (2004) destaca que os políticos precisam trabalhar cuidadosamente para evitar riscos de exposição negativa. “Aparentemente, o segredo da arte consiste em produzir visibilidade sobre o que é vantajoso que seja visível e recobrir com reserva aquilo que é conveniente manter sob discrição”. (GOMES, 2004, p. 120). O autor também coloca que não é uma tarefa fácil visto que há muitos interesses e jogos de poderes envolvidos dentro deste campo midiático de visibilidade pública. Dentro desse perfil ideal, a preocupação com a imagem na política, situa-se em dimensões ímpares. Para o autor, a imagem pública deixa de ser acessória, para ser central, um fenômeno decisivo. O profissional de imagem vai persuadir o público conforme almeja organizar para que o público produza essa imagem. “(...) O criador de imagens, na verdade, produz apenas discursos e expressões caracterizadoras, que pode realizar na recepção as concepções caracterizadoras que constituem a imagem”. (GOMES, 2004, p. 267).

4. Programa Governamental “Ouvindo Nosso Bairro”: Um Discurso Político-Eleitoral

Neste capítulo é realizada a Análise do Discurso sobre o pronunciamento do prefeito de Chapecó, Luciano Buligon, na audiência pública do Programa “Ouvindo Nosso Bairro: você conhece, você decide”, realizada em 24 de maio de 2016, para moradores do centro de Chapecó. O evento ocorreu no Centro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo de Nês. O “Ouvindo Nosso Bairro” teria como finalidade ouvir a população de todas as localidades da cidade e interior para o planejamento da Lei Orçamentária de 2017. Conforme o prefeito destaca durante a audiência pública, era necessário entregar este planejamento até o final do ano de 2016, portanto o que justificaria, segundo Buligon, a realização das audiências públicas no ano.

O programa “Ouvindo Nosso Bairro” teve início no dia 26 de janeiro de 2016 com encerramento no mês de dezembro do mesmo ano. O programa foi interrompido apenas no período eleitoral. Conforme informações divulgadas por meio de releases pela assessoria de comunicação da Prefeitura de Chapecó, foram 66 audiências comunitárias, cerca de 10 encontros com segmentos e entidades e envolvimento com mais de seis mil pessoas.

Optou-se pela audiência pública do centro da cidade na qual se teve a oportunidade de acompanhar presencialmente e poder transcrever todo o áudio com todas as participações. A audiência foi acompanhada do início ao fim, e todos que falaram no dia tiveram os discursos transcritos e anexados neste trabalho. A análise diz respeito ao discurso do prefeito Luciano Buligon, sendo que os demais sujeitos que fizeram uso da palavra são considerados no contexto do discurso do prefeito para fins de análise.

A audiência foi gravada e o áudio transcrito, sendo organizado em enunciados conforme o sentido da fala, os quais foram enumerados para fins de referência no processo de análise. Foram analisados os principais enunciados, conforme seu contexto e ideologia, identificando assim as intencionalidades do discurso. Ao considerar o contexto e a ideologia da formação discursiva, neste caso a AD busca preencher lacunas a respeito da relação do discurso do sujeito entre o programa, o governo e as eleições, além de identificar as temáticas e argumentos, compreendidos como marcas discursivas mais evidentes no discurso de Buligon.

4.1 O Caráter Eleitoral Do Discurso

Uma das marcas discursivas evidentes no discurso de Buligon é a intencionalidade em relacionar a implantação das ações do Programa “Ouvindo Nosso Bairro” ao processo eleitoral que se aproximava. Essa associação ocorre por repetidas vezes, tanto de forma implícita quanto explícita. É significativo ressaltar que as propagandas acerca do programa e o próprio prefeito descartavam a possibilidade do “Ouvindo Nosso Bairro” ser uma ferramenta de cunho eleitoral, no entanto, o contexto eleitoral foi reforçado por diversas vezes durante o discurso proferido na audiência pública analisada. No decorrer do discurso, ainda na fala introdutória, o prefeito faz alusão à eleição de forma aberta e direta, conforme está detalhado abaixo, no enunciado número 5.

Buligon começa a se explicar, de certa forma até a se justificar, pelo fato de o programa “Ouvindo Nosso Bairro” estar sendo realizado em um período próximo à eleição municipal. Antes mesmo de explicar o objetivo do programa, justifica o “possível” questionamento de este ser encarado como algum tipo de estratégia persuasiva e eleitoral. O prefeito mesmo admite essa possibilidade ao citar “ano eleitoral”: “(...) É, mas por que prefeito que o senhor resolveu fazer isso agora? Isso é

porque é ano eleitoral?” (BULIGON, 2016, p. 1). Buligon admite também que o programa possa ser encarado como eleitoreiro quando utiliza a palavra “agora”. Ele mesmo conecta o programa com as eleições elencando esses questionamentos: sobre o ano eleitoral, e sobre o “agora”, que diz respeito ao último ano de governo. Ou seja, o próprio prefeito suscita uma reflexão para os presentes sobre o programa e as eleições, e utiliza isso como um próprio argumento defensivo, fatores que se subtendem como “não dito”. Ou seja, que as pessoas escolhem palavras no lugar de outras, e que ao efetivar essa escolha demonstram uma ideologia que está implícita, mas que interferiu neste processo de optar por determinada palavra, construir uma frase, etc. (ORLANDI, 2002).

No decorrer do discurso, entretanto, Buligon volta a justificar a realização do programa e relembra pela segunda vez o contexto eleitoral. Isso evidencia uma intencionalidade que pode ser interpretada como um artifício para fazer o público lembrar que neste ano haveria eleição. Buligon também reforça a sua própria responsabilidade em gerir o planejamento orçamentário para 2017. É o que se observa no enunciado número 7:

Pois bem, mas prefeito, o ano que vem o senhor poderá não ser prefeito? É bem verdade, ninguém sabe quem será o prefeito do ano que vem. O que eu sei é que esse ano sou, e esse ano é o ano que nós temos que mandar o projeto de lei orçamentária⁶ para a Câmara (...). (BULIGON, 2016, p. 2).

Neste caso, se observa a intencionalidade do sujeito (prefeito) em fazer com que o público estabeleça uma relação entre as eleições e a execução das ações do programa. Também é salutar considerar que outra intencionalidade do discurso, analisada neste trecho é a própria possibilidade do prefeito considerar que ele poderia não ser o prefeito no próximo ano fazendo com que as pessoas reflitam sobre. Esse contexto abarca a análise do “não dito”, acerca do prefeito gerar uma dúvida nas pessoas em relação à continuidade dele no cargo para efetivar ou não as solicitações propostas. Se o objetivo da audiência é o planejamento da lei orçamentária, é importante refletir sobre por que o próprio prefeito utiliza esse questionamento, por que faz as pessoas refletirem sobre a possibilidade ou não dele continuar a gerir a prefeitura.

A marca discursiva referente ao contexto eleitoral do discurso também está presente quando Buligon cita pela terceira vez o cenário/contexto eleitoral de 2016. Esse trecho do discurso de Buligon é proferido após os moradores realizarem as suas

⁶ A LOA é a lei que estima a receita e autoriza a despesa. O plano de governo dos prefeitos deve estar em conformidade com a lei. Disponível em: www.planejamento.gov.br/secretarias

solicitações. Buligon agradece a colaboração das pessoas presentes e começa a responder/justificar cada uma das solicitações. Acerca da mobilidade, o prefeito respondeu à moradora Ana Lúcia referenciando o Plano de Mobilidade Urbana. Novamente, Buligon retoma o cenário eleitoral, desta vez para justificar uma solicitação. O prefeito diz que “o plano vai ser aplicado independente de quem seja o prefeito”. Veja no enunciado de número 126:

(...) Então o plano de mobilidade, o mais moderno de Santa Catarina é nosso e “tá” sendo aplicado e vai continuar sendo, independentemente de quem seja o prefeito gente. Nós vamos ter uma eleição, ninguém sabe quem vai ser. Mas a gente sabe que tem um plano pra cumprir. E esse plano é lei e foi aprovado “pra” isso. (BULIGON, 2016, p. 21).

O prefeito destaca novamente que haverá eleição, de uma forma em que a intencionalidade associa o plano de mobilidade e a eleição. No entanto, o prefeito poderia ter dito simplesmente que o plano seria cumprido. Todavia, ao salientar que haveria uma eleição, relacionando o dito e o “não dito”, faz com que as pessoas fiquem em dúvida se o próximo prefeito (a) cumpriria o plano, já que relaciona, de forma explícita, o plano de mobilidade com as eleições e com a possível permanência dele no cargo para poder executar essa obra. É possível reiterar que Buligon cita o cenário eleitoral três vezes durante uma audiência pública que tinha como objetivo o planejamento da Lei Orçamentária, fazendo com que as pessoas refletissem acerca da eleição, e acentuando uma intencionalidade de relacionar o contexto de planejamento de lei, ouvir as pessoas e período eleitoral que se aproximava.

4.2 A Promoção Do Governo Municipal

Outra marca identificada no discurso do prefeito Luciano Buligon é a promoção do Governo Municipal. Por diversas vezes, o prefeito faz referência ao que o governo de Chapecó está fazendo para a população, as melhorias e obras. Inclusive quando ele destaca esses feitos, o discurso vem acompanhado de elogios para as próprias ações. O trecho abaixo faz referência à parte do discurso onde o prefeito responde a solicitação do vereador Márcio Sander acerca da necessidade de asfaltamento. A solicitação é respondida por meio da promoção do governo municipal destacada no enunciado de número 121:

(...) E nós estamos com projeto de recapeamento que vocês viram aí no vídeo é o maior da história de Chapecó porque são 40 milhões de reais, 20 milhões vindo a fundo perdido do governo do Estado e nós

estamos fazendo 16 principais vias de Chapecó. (BULIGON, 2016, p. 17).

Nota-se que a discurso de Buligon apresenta a intencionalidade de “elevar” as ações do governo de Chapecó. O “não dito” desta parte do discurso é o fato de Buligon evidenciar que mesmo que a prefeitura não atenda todas as demandas solicitadas nessa audiência pública, está “sendo feito” algo. Que a intenção do governo é fazer e mostrar serviço. O prefeito ainda elogia a própria ação do governo ao se referir como “maior da história”.

No decorrer do discurso, o prefeito ainda destaca o comprometimento do governo na intenção de atender as solicitações dos moradores e novamente elogia o próprio governo. Percebe-se a intencionalidade de evidenciar um governo que pode não atender todas as demandas, mas que “faz muito pelos chapecoenses”. Veja no enunciado número 129: (...) Eu fiquei muito feliz de vê-los, né... Pode ter certeza que nós estamos fazendo o que temos de melhor, mas precisamos da opinião de todo mundo. (BULIGON, 2016, p. 24). Novamente é perceptível a intencionalidade de promover o governo municipal. Essa intencionalidade evidenciada para a população traduz um sentimento de “confiabilidade”, de que as pessoas podem “acreditar” na prefeitura. Buligon também destaca uma valorização ao público ao considerar que a prefeitura “precisa da opinião de todo mundo”. No entanto, ao mencionar que a prefeitura está “fazendo o melhor”, gera uma intencionalidade de fazer as pessoas acreditarem nesse empenho do governo municipal. É possível interpretar que Buligon evidencia um discurso que atenta para as próprias obras do governo e que, inclusive, são aperfeiçoadas com elogios. O prefeito consegue destacar a presença do governo, essa “iniciativa” de ouvir, além de intencionar um sentimento de confiança nas pessoas acerca da gestão.

4.3 A Terceirização Das Responsabilidades

Buligon também evidencia nos discursos a terceirização das responsabilidades pelas obras inacabadas em Chapecó. O prefeito transfere a culpabilidade pelos atrasos nas obras, e responde a muitas solicitações dos moradores argumentando que, em muitos casos, esse atraso não é por culpa do governo municipal, mas pela falta de cooperação dos governos estadual e nacional. Buligon também exalta os feitos do governo municipal e transfere a responsabilidade pelas debilidades no setor de

Segurança Pública para o Governo Estadual. O prefeito voltaria a empregar desse argumento por repetidas vezes durante o discurso para justificar a impossibilidade da prefeitura em atender certas demandas solicitadas pelo público presente. Observe no enunciado número 122:

(...) Aumentamos o número de vigilantes, aumentamos o número de agentes de trânsito, aumentamos o número de guardas municipais, que é uma contribuição que o município dá, mas nunca esquecendo que segurança pública é uma competência do estado. Município adoraria poder tomar conta de tudo isso, mas precisava ter orçamento, ter dinheiro pra isso, a competência da constituição federal é do estado. O município age ajudando né. (BULIGON, 2016, p. 18).

A intencionalidade evidente no discurso de Buligon é a de transferir a responsabilidade para o governo do estado e ao mesmo tempo ressaltar as ações já executadas pela prefeitura com a instalação das câmeras de monitoramento e nomeação dos agentes de trânsito. O discurso, nesse ponto, pode ser interpretado também como uma espécie de publicidade/propaganda dos feitos da administração realizados até o momento da audiência. Nota-se que a intencionalidade do discurso é a de transmitir para a população uma reflexão sobre “tudo o que já foi feito”, e explicar/justificar que se algo ainda não foi cumprido, a culpa/responsabilidade é das esferas nacional e estadual. Entretanto, nas análises em que o prefeito retoma as obras executadas, e as melhorias realizadas na cidade, não transfere a responsabilidade e nem os créditos para os demais governos. No decorrer do discurso, como pode ser visto no enunciado 125, Buligon retoma a transferência de responsabilidades: (...) Infelizmente há 15 dias atrás o Diário Oficial da União publicou paralisação de todas as obras do Brasil. Essa é a crise. Eu não vim aqui pra falar de crise, tá gente? Eu vim aqui dizer que ela nos atinge. (BULIGON, 2016, p. 20). O prefeito também relaciona o contexto da crise econômica vivida no Brasil, e os supostos “reflexos” dela que estariam atingindo Chapecó. O “não dito” dessa parte do discurso é encontrar um terceiro culpado pelos problemas que não são resolvidos em Chapecó. Junto com os governos estadual e federal, como se pode notar no discurso do prefeito, a crise também é um empecilho para a execução de obras no município. Mesmo que de fato as esferas estadual e federal tenham suas responsabilidades, a forma com que o discurso é construído produz um sentido de terceirização de responsabilidades. Como também foi pontuado na análise, quando o prefeito refere-se a obras municipais que obtiveram êxito não cita a colaboração de nenhuma dessas esferas.

4.4 Personalismo e Pertencimento

Outra marca discursiva proeminente no discurso de Buligon é o personalismo e o pertencimento. Ademais, Buligon faz uso demasiado do pronome pessoal “eu” e da denominação do cargo “prefeito” para referir-se a várias questões, evidenciando um discurso personalista cuja intencionalidade denota a promoção pessoal, por vezes dita de forma explícita, por vezes “não dita”, estando presente na forma implícita. O “pertencimento” no discurso ocorre quando Buligon procura denotar afinidade com a comunidade, buscando evidenciar para a população que “ele é igual”, que também tem problemas, compromissos e responsabilidades como qualquer um dos presentes. Buligon também se destaca no discurso com adjetivos implícitos conforme se observa no enunciado número 5, no qual o discurso deixa evidente, a repetição do pronome pessoal “eu”. Buligon utiliza desse recurso de forma assinalada, e mescla também com a utilização de “o prefeito” para se referir a ele mesmo. Buligon também justifica o porquê da realização do programa “Ouvindo Nosso Bairro” neste momento, de uma forma implícita, “por tudo o que o prefeito está fazendo” pelos chapecoenses. Em detalhe, o trecho do enunciado número 5:

(...) Eu sou prefeito há cinco meses e meio. Fui vice-prefeito por três anos. Tenho, é... a noção de que o tamanho do cargo é muito maior do que eu. Eu sou muito menor que o cargo como qualquer outro prefeito seria. É... preciso trabalhar muito, ser digno desse cargo, por isso acordo cedo e durmo tarde justamente pra poder fazer jus e depois desse evento aqui que termina as oito eu tenho mais dois ainda, ainda essa noite. E comecei a minha agenda hoje às sete e meia da manhã. Tarde! Porque geralmente começo às sete. Então, é... é... é assim que entendo que trabalhando muito né. (BULIGON, 2016, p. 1 e 2).

No discurso, Buligon destaca compromissos da própria agenda de prefeito para explicar sobre o objetivo da audiência pública. No entanto, antes de explicar ou reforçar a tese de que o evento ocorre para a construção da Lei Orçamentária de 2017, Buligon começa a narrar parte de sua carreira pública e evidenciar sua rotina. Todo o enunciado é construído com base na personalização do prefeito. A explicação sobre a lei orçamentária ocorre durante a audiência, e é apresentada pelo prefeito como a justificativa para a realização do “Ouvindo Nosso Bairro”. Ainda nesta parte do discurso, Buligon deixa implícitos elogios próprios como “ser trabalhador”, por acordar cedo e dormir tarde, além de cumprir uma série de eventos; “Ser organizado”, já que cumpre uma agenda e acorda cedo para cumpri-la. Neste ponto é importante destacar também a interpretação do pertencimento. Ao referir-se à rotina, transmite para a

população uma intencionalidade de ser igual, de também ter que trabalhar, além de revelar uma qualidade como ser “digno”, e fazer por merecer, querer corresponder às expectativas enquanto Buligon como prefeito. Ainda, no decorrer do discurso, analisado no enunciado 5, Buligon reitera a imagem/intencionalidade de um prefeito que “realmente trabalha muito” e detalha novamente atributos pessoais:

(...) A minha característica é justamente ir ao encontro das demandas né... Tenho demonstrado isso do tempo que eu era vice-prefeito também. Presidi o plano diretor por 77 reuniões, talvez não tomou tanta conotação por ser vice-prefeito e não ser prefeito, obviamente que esse projeto aqui, ele tomou uma conotação maior justamente por ser exercido pelo prefeito né. Esses 56 encontros eu presidi todos eles desde o início até o fim e, é, estou muito satisfeito de poder ir ao encontro das demandas, por dois motivos, uma pra entender as demandas imediatas como problemas de alagamento, de lâmpada queimada, disso, daquele outro e daquele outro, e também para projetar um ano importantíssimo que é o ano do centenário de Chapecó que será o ano que vem. (BULIGON, 2016, p.2).

Novamente, desta vez de forma explícita, Buligon se refere à audiência pública e a própria pessoa como alguém que vai ao encontro das demandas. Desta vez de forma explícita porque já fica clara a intencionalidade de ressaltar que a “administração está presente”, “está aqui para ouvir”, e que “a equipe está completa”. Na fala, Buligon também destaca o quanto realiza atividades como “ir ao encontro das demandas”, e presidir as audiências públicas e o Plano Diretor. O personalismo fica evidente porque Buligon concentra em si mesmo a execução/comando desses projetos.

5. Considerações Finais

O programa “Ouvindo Nosso Bairro: você conhece, você decide” foi o objeto analisado, especialmente o discurso do prefeito de Chapecó, Luciano Buligon, em uma audiência pública. Ou seja, uma audiência pública que reuniu as pessoas de todos os bairros e comunidades do interior de Chapecó que tinha a finalidade de planejar a lei orçamentária para 2017, destacou por meio do discurso do prefeito, um gestor que promoveu as próprias ações; terceirizou as responsabilidades pelos atrasos e paralizações de obras para o governo estadual, federal e para a crise econômica instaurada; Que utilizou o discurso para evidenciar o contexto eleitoral que se aproximava além de destacar a própria figura de prefeito, o pronome pessoal “eu” salientando um discurso personalista, além de evidenciar um pertencimento ao povo buscando colocar-se como “igual” as pessoas presentes na audiência.

Ademais, é possível formular no mínimo uma hipótese de que, diante de tais marcas discursivas, o discurso político replicado em dezenas de audiências públicas do Programa “Ouvindo Nosso Bairro”, pode ter exercido papel relevante na construção da imagem pública do então pré-candidato a prefeito, com reflexos no processo eleitoral que viria em seguida, sendo que o programa “Ouvindo Nosso Bairro” também foi explorado positivamente na propaganda eleitoral do candidato governista.

Não se pode aferir que o programa “Ouvindo Nosso Bairro” auxiliou na campanha ou na vitória da eleição, entretanto pode-se interpretar que foi um canal de fortalecimento para o prefeito que, até então, não expressava tanta visibilidade pública por ser vice-prefeito. O estudo permitiu ainda compreender essa intencionalidade no discurso enquanto um sujeito disposto a ouvir e a responder às solicitações dos chapecoenses no último ano de governo e ao mesmo tempo, ano eleitoral.

Luciano Buligon venceu a eleição⁷ de 2016 com 66.107 votos, um total de 61,74% dos votos válidos distanciando-se da segunda colocada, Luciane Carminatti, que atingiu 22,28% dos votos válidos. Recentemente, em entrevista para o jornalista Roberto Azevedo⁸, Buligon destacou que uma das estratégias que o auxiliou para a reeleição foi à realização de um “trabalho intenso de consolidação interna, ouvindo bairros”. A colocação fez referência ao programa “Ouvindo Nosso Bairro”.

6. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BULIGON, Luciano José. **Audiência pública do programa “Ouvindo Nosso Bairro”**. Chapecó: 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **A Conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

⁷ Disponível em: <<http://divulga.tse.jus.br/oficial>> Acesso em: 3 out 2016.

⁸ Entrevista publicada no portal “Making of” no dia 25 de outubro de 2016. Disponível em: <www.portalmakingof.com.br/roberto_azevedo/embalados_nos_ultimos_dias_de_campanha.html> Acesso em: 30 out 2016.

G1 NOTÍCIAS. Disponível em <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/12/luciano-buligon-assume-prefeitura-de-chapeco-apos-saida-de-caramori.html>>. Acesso em 8 de maio de 2016.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4^a. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: FUCAMP - Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1995.

Prefeitura de Chapecó, Ouvindo Nosso Bairro. Disponível em: <<http://www.chapeco.sc.gov.br/ouvindonossobairro/noticia.php?idnoticia=4.>>. Acesso em 4 mai. 2016.

WEBER, Maria Helena. **O estatuto da Imagem Pública na disputa política**. ECO-Pós, Rio de Janeiro, n.3, set/dez 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/929>. Acesso em 15 jun. 2016.